

## **O uso da metodologia discurso do sujeito coletivo (DSC) nas pesquisas com interface entre comunicação e saúde<sup>1</sup>**

Simone Alves de CARVALHO<sup>2</sup>

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

O discurso do sujeito coletivo (DSC), por seu caráter qualiquantitativo, é uma metodologia com grande aderência na pesquisa em saúde pública, pois os dados colhidos proporcionam análises nesses dois âmbitos. Nesse artigo apresentaremos a concepção teórica dessa metodologia e alguns exemplos de seu uso na interface entre comunicação e saúde pública, com base na meta-pesquisa realizada em repositórios virtuais de teses e dissertações.

**Palavras-chave:** comunicação; saúde; discurso do sujeito coletivo; metodologia.

### **a) Introdução**

O tema deste artigo é a metodologia DSC – Discurso do Sujeito Coletivo e o objetivo geral é analisar como esta metodologia é utilizada nas pesquisas com interface nas áreas de comunicação e saúde.

### **b) Metodologia**

Este artigo não se pretende uma revisão sistemática das pesquisas realizadas utilizando a metodologia discurso do sujeito coletivo (DSC), pois, devido à volatilidade do conteúdo disponibilizado na internet, “nada garante que a informação acessada em determinado momento esteja disponível no próximo instante” (YAMAOKA, 2005, p. 151). Segundo MOREIRA (2005, p. 271), “a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”, e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 3 – Comunicação e Saúde, do PENSACOM BRASIL 2016.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na ECA-USP. Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação Pública e Política (COMPOL), liderado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heloiza Matos. E-mail: [simonecarvalho@usp.br](mailto:simonecarvalho@usp.br)

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

nesse artigo realizamos uma meta-pesquisa através da *desk research* utilizando esse método e técnica no site IPDSC e nos portais USP e CAPES.

A metodologia DSC é uma vertente da análise do discurso, cuja “hipótese geral considera que um discurso é determinado pelas suas condições de produção e por um sistema linguístico” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 303), estando contida dentro da análise do conteúdo. MANHÃES (2005, p. 305) define que “discurso significa ‘em curso’, em movimento”, pois a linguagem está constantemente em atividade.

A análise do discurso tem duas vertentes: a francesa, caracterizada pelo assujeitamento do emissor, que “resulta na identificação dos discursos já instituídos”; e a inglesa, que “resulta na identificação da pessoa que conduz a narrativa dos acontecimentos”, ou seja, apresenta o sujeito com papel ativo (MANHÃES, 2005, p. 306), utilizado na construção do DSC.

A *desk research* realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, no Banco de Teses da CAPES e no site IPDSC, utilizando na busca avançada as palavras “discurso do sujeito coletivo”, “comunicação” e “saúde”, encontrou o total de 13 teses e dissertações publicadas na primeira, 183 registros na segunda e 7 na terceira, sem contabilizar resultados duplicados. Nestes repositórios estão disponibilizadas pesquisas de diversas áreas do conhecimento utilizando a DSC, demonstrando sua permeabilidade e aplicabilidade. Optamos por pesquisar apenas teses e dissertações e não foram incluídos artigos.

### **c) Fundamentação teórica**

A metodologia discurso do sujeito coletivo (DSC) utiliza ambas as técnicas qualitativa e quantitativa para analisar os discursos colhidos em uma dada realidade. No DSC “fica preservada a natureza essencialmente discursiva e qualitativa da opinião ou representação e, inseparável dela, a dimensão quantitativa, associada à representatividade e generalização dos resultados.” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 16). O DSC aponta que primeiro é necessário descrever para depois interpretar o pensamento dos entrevistados, sendo ambos indissociáveis, e para os autores o DSC é

Realizam

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

um conjunto harmônico de processos e procedimentos destinados, a partir de depoimentos colhidos em pesquisas sociais de opinião, a conformar, descritivamente, a opinião de uma dada coletividade como produto qualiquantitativo, isto é, como um painel de depoimentos discursivos, ou seja, qualidades provenientes de quantitativos de indivíduos socialmente situados. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 7).

Determina-se uma amostra representativa, entrevistada individualmente e após as transcrições, escolhem-se trechos do material para compor as expressões-chave; as ideias centrais contidas nos depoimentos; as ancoragens que descrevem o universo de ideologia, valores e crenças do entrevistado; e finalmente o discurso do sujeito coletivo propriamente dito, em que se reúnem as expressões-chave, ideias centrais e as ancoragens (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 22), culminando em “discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos de sentido semelhante” (ibidem, p. 25). Outra explicação sintetiza “no caso das respostas à questões abertas, substituindo a discursividade do pensamento pela categoria que nomeia o sentido comum dos depoimentos e torna iguais os depoimentos enquadrados sob ela” (ibidem, p. 14). Dessa maneira, temos que o DSC busca sintetizar as respostas em categorias equalizáveis e ajustadas ao modo de pensar da coletividade pesquisada.

LEFEVRE e LEFEVRE (2005, p. 20) afirmam que

Em termos metodológicos, o pensamento coletivo está mais validamente presente no indivíduo que no grupo, uma vez que o pensamento coletivo é a presença, internalizada no pensar de cada um dos membros da coletividade, de esquemas sociocognitivos ou de pensamento socialmente compartilhado.

Para obter o pensamento coletivo, é preciso, então, convocar os indivíduos, um a um, o universo ou uma amostra representativa de uma coletividade, para que cada indivíduo possa expor seu pensamento social internalizado, livre da pressão psicossocial do grupo, e para que o conjunto dessas individualidades opinantes possa representar, sociológica e estatisticamente, uma coletividade.

Para os autores, o que diferencia o sujeito coletivo de uma pesquisa de opinião é que na metodologia DSC o entrevistados deve “discursar, desdobrar uma opinião com seus respectivos conteúdos e argumentos” (ibidem, p. 20), e não apenas escolher uma alternativa dentre outras, pois nas “pesquisas com o DSC, o pensamento é coletado por entrevistas individuais com questões abertas, o que faz com que o pensamento, como comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar” (ibidem, p. 21). Essa qualidade discursiva é o que nos motiva para sua aplicação na pesquisa de doutorado em andamento.

Os membros de uma formação social determinada costumam falar (aproximadamente) a mesma língua [...], mas não compartilham necessariamente as mesmas ideias,

Realizam

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

possuindo, contudo, em comum um determinado nível de compartilhamento que permite que ideias, mesmo divergentes, possam ser trocadas. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 21).

Observamos que o DSC é uma metodologia quali-quantitativa, para a qual “o qualitativo e o quantitativo não são coisas distintas, mas partes, dimensões, aspectos da mesma coisa” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 25), por esse motivo, ele pode apresentar uma melhor compreensão do fenômeno estudado, inclusive quanto à sua interdisciplinaridade, ao valorizar “o múltiplo, o complexo, o diferente” (idem, p. 28) na sociedade. Para Richardson (1999, p. 88), “embora existam diferenças ideológicas [...] podem-se identificar instâncias de integração entre ambos os métodos”, de maneira que a adequação metodológica fundamental para o andamento da pesquisa de doutorado se confirma.

A metodologia DSC utiliza o software DSCsoftware (antigo Quali-quantisoft), capaz de “recuperar e descrever, empiricamente, o que as coletividades pensam sobre tudo aquilo a que estão habilitadas, como conjunto de atores sociais a pensar” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 7-8). Esse software permite “trabalhar com amostras bem-selecionadas e relativamente grandes de indivíduos e, graças ao cadastro embutido no programa, segmentar ou filtrar os resultados pelas variáveis do cadastro” (ibidem, p. 21), oferecendo ao pesquisador um amplo espectro de respostas categorizadas.

Após as transcrições das entrevistas no software, são criadas as operações para a composição do DSC: E-Ch (expressões-chave), com “trechos selecionados do material verbal de cada depoimento, que melhor descrevem seu conteúdo”; ICs (ideias centrais), que “são fórmulas sintéticas que descrevem o(s) sentido(s) presente(s) nos depoimentos de cada resposta e também nos conjuntos de respostas de diferentes indivíduos, que apresentam sentido semelhante ou complementar” – é uma elaboração do pesquisador; ACs (âncoras), as “fórmulas sintéticas que descrevem [...] as ideologias, os valores, as crenças, presentes no material verbal das respostas individuais ou das agrupadas, sob a forma de afirmações genéricas destinadas a enquadrar situações particulares”, observando que consideram-se “ACs apenas quando há, no material verbal, marcas discursivas explícitas dessas afirmações genéricas”; e finalmente os DSCs, que “são a reunião das E-Ch presentes nos depoimentos que têm ICs e/ ou ACs de sentido

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

semelhante ou complementar” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 22). Finda a utilização desse método, escolhem-se as

E-Ch de sentido semelhante formam depoimentos coletivos, que são redigidos na primeira pessoa do singular, com a finalidade precípua de marcar, expressivamente, a presença do pensamento coletivo na pessoa de um Sujeito Coletivo de Discurso. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 22-3).

Para Lefevre e Lefevre, o marco distintivo do DSC é a reprodução desse discurso na primeira pessoa do singular:

A técnica do DSC permite, em parte, quebrar a formalidade na apresentação dos resultados das pesquisas de opinião uma vez que, nas pesquisas que a usam, os depoimentos são processados sob a forma de discursos coletivos, fazendo com que o pensamento coletivo apareça, no momento descritivo da pesquisa, como fala direta, isto é, como discurso direto, sem a intermediação do comentário teórico metalinguístico, preservando-se assim, na escala coletiva, a natureza discursiva do pensamento, bem como sua autonomia como fato empírico. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 40).

A criação desse discurso depende da “comunicação como sustentáculo das formações sociais [que] pressupõe, portanto, dois tipos de códigos compartilhados: um código linguístico e, a partir dele, um código ideológico que é o sistema compartilhado de crenças aludido” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 21). Para tanto, devem ser observadas as estruturas analíticas possibilitadas pelo software mencionado.

A vantagem do uso da metodologia DSC é que

a opinião coletiva processada de forma discursiva [...] é semanticamente mais rica [...] com conteúdos mais significativos [...] fazendo emergir os variados detalhamentos individuais de uma mesma opinião coletiva diante do tema pesquisado [...] é possível descrever, em escala coletiva, os argumentos ou as justificativas associadas à opinião [...] tornando os resultados finais mais densos, uma vez que, em geral, a pesquisa realizada com o DSC revela as mais diversificadas opiniões e relação ao tema do que se supõe antes da pesquisa. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 31).

Quando uma pessoa emite sua opinião, independente de seu embasamento teórico ou prático, “esse indivíduo já é, do ponto de vista sociológico, o que podemos chamar de ‘eu social ou coletivo inconsciente’” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 35). Nesse sentido, o DSC tenta resgatar o “eu social ou coletivo”, tornando-se “um recurso criado para fazer emergir o inconsciente social que fala no indivíduo” (ibidem, p. 35). A mudança do eu individual para o eu coletivo remete à internalização inconsciente, pelo indivíduo, dos sentidos presentes na coletividade e que não pode ser confundido com senso comum.

É preciso, igualmente, como se trata de opiniões de indivíduos que vivem em coletividades, sociedades ou grupos, recuperar devidamente, na dimensão coletiva, os atributos propriamente sociológicos, antropológicos, psicossociais das opiniões, o que

Realizam

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

requer, obrigatoriamente, que o pesquisador obedeça a um rigoroso planejamento com vistas a recuperar os principais atributos constitutivos da sociedade pesquisa. Para que isso seja possível é necessário que o pesquisador faça uma escolha sistemática de base quantitativa, dos indivíduos a serem pesquisados. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 15).

A teoria das representações sociais fundamenta a DSC. Segundo a teoria, as representações sociais são “entidades sociais internalizadas, incorporadas pelos indivíduos e vividas por eles, nas interações correntes, como coisas suas.” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p. 23). Para Jodelet (2001, p. 22), “as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social”, ou seja, estão constantemente presentes no cotidiano coletivo.

As representações sociais são “sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros” (JODELET, 2001, p. 22), ao que corrobora Moscovici (2013, p. 205) ao afirmar que “nós mesmos vemos as representações sociais se construindo por assim dizer diante de nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem alguma transformação” sendo fenômenos cognitivos cujas interpretações dependem da sociedade.

Unindo a teoria da representação social com a metodologia DSC, podemos sintetizar a técnica da seguinte maneira:

A pesquisa típica que usa o DSC é uma pesquisa de opinião sobre um dado tema, dividida em três, quatro ou cinco questões abertas a serem respondidas por uma dada amostra de população; cada uma destas questões gera um número variado de diferentes posicionamentos, ou seja, de distintos DSCs. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 23).

Isto posto e para finalizar a construção teórica do DSC, é mister explicar que:

O DSC consiste, então, numa forma não-matemática nem metalinguística de representar (e de produzir), de modo rigoroso, o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culmina em discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdo discursivos de sentido semelhante. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005, p. 25)

Seguimos o artigo com a *desk research* sobre a aplicação da metodologia DSC em pesquisas com interface entre comunicação e saúde.

#### **d) Resultados da *desk research***

A busca online, realizada no dia 16 de outubro de 2016, utilizou as palavras-chave “discurso do sujeito coletivo”, “comunicação” e “saúde” concomitantemente.

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

Foram encontradas 13 teses e dissertações publicadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, 183 no Banco de Teses da CAPES<sup>3</sup> e 74 no site IPDSC<sup>4</sup>.

A título de exercício de uso, utilizamos o DSCsoftware para analisar as pesquisas disponíveis no repositório da USP dentro do escopo mencionado acima. O DSC sobre saúde, de acordo com essas teses e dissertações é o seguinte:

“Eu gostaria que os serviços de saúde fossem mais humanizados, promovendo ações baseadas na percepção da sociedade, que procurasse estabelecer um modelo de assistência pautado em parceria com a rede familiar e também integrado com os aparelhos sociais disponíveis. Também seria interessante o aumento da qualidade e oferta de serviços prestados à população, além de criar programas e políticas em saúde para incrementar o uso dos serviços oferecidos na rede pública e facilitar o acesso dos usuários em todos os níveis de atenção, mediante a aplicação de uma rede de serviços hierarquizados, cujo fluxo é demorado, pois existe um déficit quantitativo enorme de profissionais em relação à população a ser atendida. As epidemias influenciam e são influenciadas pelas relações humanas, que interferem no potencial de disseminação da doença e na continuidade do tratamento, pois também há a carência psicológica do paciente. É importante analisar o grau de conhecimento sobre alimentação segura e fornecer bases para aperfeiçoar ações educativas e o direcionamento de políticas públicas. É necessária a realização de atividades educativas em saúde dos profissionais do setor. Deve-se melhorar a legislação da vigilância sanitária, a rotulagem de alimentos e medicamentos, a prevenção de riscos sanitários com o objetivo de implementar ações em busca de melhorias na qualidade de vida, no seu conceito de integralidade politicamente normatizado na sociedade, tecnologicamente operado nas ações de saúde e organizacionalmente construído nos serviços correspondentes. O lado negativo apresenta a ausência de integração entre a equipe multiprofissional, falta de resolubilidade, falta de reconhecimento do trabalho e falhas na gestão.” (Elaborado pela autora, com o auxílio do DSCsoftware).

Segundo a mesma análise, o DSC da comunicação neste escopo é o seguinte:

“Eu entendo que o principal enfoque da comunicação em saúde é o da comunicação entre médico e paciente, não apenas no sentido de facilitadora do diálogo e das relações entre gestores e trabalhadores. A comunicação também deve expressar empatia, cuidado, exemplos práticos, conselhos, preocupação com a pessoa e apoio afetivo relacionado com o encorajamento e elevação da autoestima. Também entendo como comunicação os problemas físicos, como a deficiência auditiva e a necessidade de soluções para atendimento a estas pessoas. Os doentes têm pouca autonomia e o diálogo é pouco favorecido, pois o doente carece de alguém com quem falar e da necessidade de ser ouvido. A comunicação é deficiente, embora seja facilitada pela linguagem acessível e cordialidade dos profissionais. É considerado um bom atendimento do médico a partir da existência do diálogo. Os trabalhadores da saúde precisam de mais capacitação em comunicação interpessoal. Percebo a defasagem da informação

---

<sup>3</sup> Do Banco de Teses da CAPES foram analisados 65 documentos constantes na Plataforma Sucupira de 2013 a 2016.

<sup>4</sup> Do IPDSC foram analisadas 3 teses e dissertações disponibilizadas. Os demais documentos eram artigos para periódicos, e, portanto, fora do escopo dessa pesquisa.

Realizam

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

disponibilizada nos meios de comunicação e observo o forte viés político nas reportagens veiculadas, desviando a atenção que deveria ser direcionada para informar a população sobre como colaborar e se prevenir. Há necessidade de evitar o sensacionalismo e de maior transparência, com a publicação de reportagens esclarecedoras, simples e ricas em conteúdo informacional útil, além de mostrar a preocupação com a recepção da informação, se os receptores decodificam as mensagens. A existência de rádios comunitárias dá visibilidade aos temas de preocupação de saúde da comunidade, tratando da comunicação de riscos e agilizando a tomada de decisões dos ouvintes. A comunicação também deve se preocupar com o seu lado instrumental, melhorando os fluxos de referência e contra-referência; implantando tecnologias como prontuário eletrônico e uso da rede de computadores; melhorando o ferramental da comunicação, para minimizar as falhas na comunicação interna do sistema. Outros aspectos comunicacionais importantes são o mercadológico, para ajudar a identificar problemas e criar soluções; a educação permanente em saúde pela comunicação, atingindo a todos os profissionais e pacientes; a comunicação de riscos sanitários; a comunicação da estratégia organizacional; e a comunicação interna ineficiente.” (Elaborado pela autora, com o auxílio do DSCsoftware).

As ancoragens também foram criadas com o auxílio do DSCsoftware. As ancoragens da saúde apontaram como itens centrais: a Política Nacional de Humanização, a centralidade da rede familiar no processo saúde-doença, a presença de ações educativas para profissionais e pacientes, a melhoria da qualidade de vida, a integralidade no serviço de saúde, o fluxo do sistema de referência e contra-referência, o déficit de profissionais na área da saúde, a falta de reconhecimento profissional e falhas na gestão. No que tange a comunicação, as ancoragens foram: a necessidade de melhorar a comunicação interpessoal entre profissionais e pacientes, a manipulação midiática, as ferramentas de comunicação, os meios de comunicação de massa, a comunicação mercadológica, a comunicação de riscos sanitários, a comunicação da estratégia da organização e a educomunicação.

Com a leitura dos resumos e das palavras-chave dos documentos disponibilizados no site da CAPES e do IPDSC, foram criadas as nuvens com os termos mais utilizados nas pesquisas realizadas.



### e) Considerações finais

Este artigo apresentou a conceituação teórica da metodologia Discurso do Sujeito Coletivo e uma aplicação do seu software para análise. Sobre a meta-pesquisa realizada com o uso do DSCsoftware, é interessante observar que os discursos do sujeito coletivo criados com auxílio do programa foram compatíveis com a minha experiência profissional quando trabalhei como ouvidora em hospital público em São Paulo<sup>5</sup>, o que oferece validade empírica aos resultados obtidos.

Esse artigo é parte da pesquisa para tese de doutorado em andamento, e foi um exercício de aplicação do software, cuja metodologia será utilizada no texto final. Consideramos que essa metodologia seja interessante para dar voz aos trabalhadores da saúde que estão na base do processo, junto à população atendida pelo sistema público de saúde brasileiro.

### Referências

Banco de Teses da CAPES. Disponível em < <http://bancodeteses.capes.gov.br/>>. Acesso em 16 out. 2016.

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/>>. Acesso em 16 out. 2016.

FONSECA JÚNIOR, Wilson. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 280-304.

IPDSC. **Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo**. Disponível em <<http://ipdsc.com.br/>>. Acesso em 16 out. 2016.

---

<sup>5</sup> Escrevi um artigo sobre o assunto, publicado na Revista *Organicom*. CARVALHO, Simone Alves de. Os desafios da comunicação interpessoal na saúde pública brasileira. In **Revista Organicom**, v. 9, n. 16-17. ECA/USP: São Paulo, 2012. p. 242-253.  
Disponível em: <http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/508/424>

Realizam

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana. **Depoimentos e discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber, 2005.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana. **Pesquisa de representação social**: um enfoque qualiquantitativo – a metodologia do discurso do sujeito coletivo. 2ª ed. Brasília: Liber, 2012.

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 305-315.

MOREIRA, Sonia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho Guareschi. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RICHARDSON, Roberto (et al.). **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

YAMAOKA, Eloi. O uso da internet. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 146-163.